

MISTÉRIOS DA FEMINILIDADE: A RELAÇÃO MÃE E FILHA NO DIFÍCIL CAMINHO DO “TORNAR-SE MULHER”

MYSTERIES OF FEMINILITY: THE RELATIONSHIP BETWEEN MOTHER AND DAUGHTER IN THE DIFFICULT PATH OF “BECOMING A WOMAN”.

Doris Rinaldi*

O livro *A Relação Mãe e Filha*, de Malvine Zalcberg, destaca-se por abordar o tema da construção da feminilidade por um viés pouco examinado na literatura psicanalítica: o da “relação entre mãe e filha”. Desde que a função paterna – operadora estrutural do Édipo, decisiva para a constituição do sujeito – teve sua importância devidamente restituída por Lacan em sua releitura da obra freudiana, a análise do lugar da mãe ou da função materna na formação subjetiva foi deixada para segundo plano pelos psicanalistas em suas formulações teóricas.

Sensível à sua experiência clínica – juntamente com o testemunho de obras da literatura, do teatro e do cinema que evidenciam a extrema relevância dessa relação para a compreensão do difícil caminho percorrido por uma menina em busca de uma identidade feminina –, Zalcberg retoma esse filão em um exercício produtivo de articulação entre teoria e clínica, através do qual constrói o seu texto. Como resultado, oferta-nos uma análise rica de exemplos e, ao mesmo tempo, rigorosa no trabalho teórico.

A questão feminina ocupa um lugar especial no conjunto da obra freudiana, ao mesmo tempo impulsionador de sua produção e seu ponto de impasse. Se a psicanálise nasceu no ventre das históricas, como diz a autora, a histeria “possibilitou não apenas a existência de uma clínica freudiana, como também o nascimento de um novo olhar sobre a feminilidade” (p. 15). A escuta das históricas introduziu Freud nos mistérios do desejo humano, que ele procurou decifrar por diferentes caminhos, inaugurando um novo campo de saber, mas trouxe também um ponto de opacidade que se colocou, ao mesmo tempo, como limite a este saber e como causa de sua produção. Neste ponto cego, o enigma do desejo feminino desafiou Freud em toda a sua trajetória. Se no início ele buscou encontrar a chave da sexualidade feminina, ainda que reconhecendo que isso era muito mais fácil para os artistas, mais tarde ele constatou que pouco sabia sobre a vida sexual da menina, usando a metáfora do “continente negro” para referir-se ao mistério da feminilidade: “Que não nos envergonhe essa diferença; com efeito, inclusive a vida sexual da mulher adulta continua um continente desconhecido (dark continent) para a psicologia” (FREUD apud ZALCBERG, p. 25).

Até o final de sua obra, Freud manteve aberta a questão sobre o desejo feminino, expresso na pergunta que dirigiu à princesa Marie Bonaparte: “O que quer a mulher, afinal?” (1925). No texto terminal, “Análise Terminável e Interminável” (1937), quando defrontou-se com os limites do trabalho analítico, localizou neste ponto de impasse o que chamou de “repúdio à feminilidade, uma parte do grande enigma do sexo”(1).

Zalberg tece a sua escrita tendo essa questão como pano de fundo, o que a leva a considerar a mulher uma “metáfora privilegiada do inconsciente” (p. 19), já que sua verdade, como a verdade do inconsciente, não pode ser toda conhecida. Instigada pela clínica e seguindo o conselho de Freud de consultar os poetas e os artistas para saber mais sobre a feminilidade, examina os encontros e desencontros entre mãe e filha no permanente trabalho de “tornar-se mulher” levado a efeito por cada menina, trabalho este ao qual a mãe também está submetida pela sua condição feminina. Não se trata, portanto, de uma relação dual, mas de uma relação ternária, já que a mãe é, também, mulher. É este terceiro termo – mulher – que constitui o ponto central de perspectiva que guia sua análise. Com isso, a autora pretende oferecer uma base para a compreensão do lugar privilegiado que a figura materna ocupa no processo de feminilização de sua filha.

Seguindo rigorosamente a evolução do pensamento freudiano sobre a sexualidade feminina, Zalberg nos mostra como Freud inicialmente atribui à relação com o pai o desenvolvimento da feminilidade da menina, chegando, contudo, à conclusão, ao final de sua trajetória, que esta depende muito mais do desdobramento de sua relação com a mãe. Por trás da intensa relação edípica com o pai, que despertou sua atenção no caso das histéricas, ele redescobre uma relação pré-edípica da menina com sua mãe, relação essa que freqüentemente perdura por muito tempo e que marcará em grande parte o seu futuro como mulher. A pergunta que ele se faz a partir de 1925, e que Zalberg retoma como fio condutor de sua análise, é: “por que a menina tem tanta dificuldade de separar-se da mãe?” (p. 36). Essa dificuldade pode assumir a forma cruel de uma “catástrofe”, no dizer freudiano, ou de uma “devastação”, como o diz Lacan, que pode comprometer o processo de construção da feminilidade para uma menina.

Revisitando as formulações freudianas sobre o Édipo e suas diferenças para meninos e meninas, a autora observa que o primeiro objeto de amor da menina, assim como do menino, é a mãe. O amor pelo pai, no caso da menina, é secundário e resulta de uma mudança de objeto. Ambos, meninos e meninas, ocupam frente ao desejo materno o lugar de falo, o que determina que, de início, ambos são meninos para a mãe. Esse “empuxo à virilidade” tem conseqüências para a menina que podem perdurar, mantendo sua relação intensa com a mãe através de um complexo de masculinidade. O deslocamento objetual, da mãe para o pai, nunca se faz por completo e, ainda que a intervenção paterna seja fundamental para a constituição da menina como sujeito, ela não é resolutiva de seu Édipo, não lhe fornecendo o modelo de uma identificação feminina. Esta identificação deve ser buscada em sua relação com a mãe.

Após tentar analisar o Édipo feminino seguindo o modelo clássico do Édipo masculino, Freud chega à conclusão de que para a menina a elaboração do Édipo é mais complexa e ela talvez nunca chegue a sair completamente deste enredo, tanto no que diz respeito à relação edípica com o pai, como em relação ao laço pré-edípico com a mãe. Este último fica como um resto não elaborado, mas cujas vicissitudes serão fundamentais para a compreensão dos destinos da feminilidade da menina.

A autora se valerá das contribuições de Lacan à teoria psicanalítica e à análise da sexualidade feminina para aprofundar esta questão, examinando suas formulações sobre as operações de alienação e separação, constitutivas do sujeito, assim como os conceitos de grande Outro e de “metáfora paterna”.

Para Lacan, o significante do desejo da mãe é um significante primordial que rege a vida da criança e a marcará para sempre. É esse significante enigmático que será substituído pelo significante paterno, através da operação estrutural da metáfora paterna que introduz uma falta tanto na criança quanto na mãe, e que possibilita a constituição do sujeito como desejante. No caso da menina, ele vai chamar a atenção para a existência de uma certa nostalgia da filha em relação à mãe, indicando que o corte simbólico introduzido pelo pai não é total. A operação edípica deixa um “resto” no destino feminino, fazendo com que a mulher tenha mais propensão a ficar alienada no “desejo da mãe”.

Zalberg resalta a importância que Lacan dá a esse “resto”, pois nele reside a especificidade da relação mãe e filha em um campo que se constitui “para além do Édipo”. A grande contribuição de Lacan diz respeito à descoberta de que a lógica fálica não é capaz de dar conta das particularidades da sexualidade feminina. A mulher é, em parte, submetida à castração e, em parte, não; é neste terreno, além do falo, que o destino de sua feminilidade se decide. Daí a importância da relação com a mãe, mulher como ela. Ao final de seu ensino, como destaca a autora, Lacan afirma que “a filha espera mais ‘substância’ da mãe do que do pai, ele vindo em segundo” (p. 102).

O entrecruzamento do Édipo com a lógica da castração, a partir do primado do falo, determina, desde Freud, a inexistência de um significante que simbolize o sexo feminino. Não se trata, como afirma Lacan, da falta de um órgão, mas de um símbolo específico da sexualidade feminina. Como assinala Zalberg, Freud diz que “o sexo feminino parece nunca ser descoberto” (FREUD apud ZALCBERG, p. 69), enquanto Lacan, de forma mais radical, afirma: “A mulher não existe” (LACAN apud ZALCBERG, p. 69). Uma mulher, portanto, além da falta-a-ser que a caracteriza como sujeito falante, deve fazer face à falta de um significante específico de seu sexo, que lhe garanta uma identidade.

Na saída do Édipo, ao contrário do menino, que encontra na identificação com o pai as bases da constituição da identidade masculina, a menina volta-se para o pai, mas também para a mãe, à espera que esta lhe forneça um significante do sexo feminino. Busca ingloria, porque este significante inexistente, como enfatiza a autora. Contudo, como seu trabalho nos mostra, é junto à mãe que ela busca o recobrimento imaginário de sua falta “real” na constituição de uma imagem feminina. Como diz Zalberg: “O processo pelo qual o olhar da mãe funciona em nível de objeto que leve à construção de uma imagem é particularmente importante para a menina; ela, mais do que um menino, depende de uma cobertura para um corpo para o qual falta um significante feminino” (p. 155). Esse processo não é sem preço, como podemos ver nos inúmeros exemplos apresentados pela autora, pois a cativação imaginária da filha no olhar da mãe tem suas conseqüências paradoxais, do sentimento de aprisionamento ao medo da perda do amor.

A dificuldade de se separar da mãe – que marca o destino da mulher – tem aí sua raiz, destacada não somente por Freud e Lacan, mas também por Winnicott, autor referido na abertura do livro, com a seguinte citação: “Para toda mulher, há sempre três mulheres: ela mesma, sua mãe e a mãe de sua mãe” (WINNICOTT apud ZALCBERG, p. 6). É nos percalços da relação com esta linhagem – da “catástrofe” e da “devastação à mascarada” – que cada menina construirá o seu caminho como mulher, em um processo de invenção e criação da feminilidade. A autora lança mão do conceito de mascarada ao final do livro, tal como Lacan o desenvolveu, destacando a sua função na constituição da sexualidade feminina – “a máscara existe no vazio em que a mulher se aloja” (p. 184) –, o que possibilita a criação de feminilidade possível.

Ao discutir todas essas questões em seu livro, tecendo uma rede sobre o inabordável da condição feminina, Zalberg nos dá um testemunho valioso desse trabalho de construção de uma feminilidade possível. Esta leitura é importante não só para psicanalistas, mas também para aqueles sujeitos que, ao se posicionarem no campo do feminino, estão engajados neste permanente trabalho de criação e recriação da feminilidade possível.

NOTAS

1FREUD, S. Análise terminável e interminável. In: _____. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 287.
ZALCBERG, M. *A relação Mãe e Filha*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

*Psicanalista, Professora Adjunta do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Coordenadora do Curso de Especialização em Psicanálise e Saúde Mental do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise.